

# China, EUA e Brasil

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista



Donald Trump e Xi Jinping conversam em Pequim, e os brasileiros tentam antecipar o que será combinado entre os dois grandes da economia mundial. Juntos, eles significam 40% do comércio internacional. Desde Barack Obama, o governo dos Estados Unidos age no sentido de conter o veloz desenvolvimento econômico dos chineses. Na era Trump, os norte-americanos aumentaram muito suas tarifas específicas para produtos daquele país. Pequim respondeu na mesma medida. Também elevou tarifas.

Porém, Pequim fez mais: começou a vender seus títulos do tesouro norte-americano. Os chineses chegaram a deter cerca de US\$ 1 trilhão investidos naquele título. Hoje, possuem cerca de US\$ 700 bilhões naquele papel. Uma das consequências desse movimento de xadrez financeiro foi a queda do valor do dólar em todo mundo. O dólar nunca esteve tão baixo. Os chineses inundaram o mercado com os títulos do Tesouro norte-americano e começaram a utilizar sua moeda, o renminbi, em seus negócios internacionais. Foi outro violento ataque ao dólar.

No sentido inverso, o ouro conseguiu extraordinária valorização. Os bancos centrais de diversos países perceberam a queda do valor do dólar. Passaram a fazer reservas em ouro. A consequência no Brasil foi curiosa: explodiu o comércio do ouro por toda a Amazônia. A Polícia Federal (PF)

e o Exército não conseguem controlar a lavra e a pesquisa do vil metal. Os números são eloquentes: a medida do ouro é chamada de onça troy, que equivale a 32g do metal. Seu preço hoje está na faixa de US\$ 4.600 a US\$ 4.800, o que, com o dólar em torno de R\$ 5, resulta em R\$ 23 a 25 mil. Trata-se de mercado internacional. O metal tem esse valor em Itaituba, no interior da Amazônia, ou em Amsterdã, na Holanda.

A evolução do preço do ouro nos últimos anos supera o de qualquer ação na Bolsa de Valores. Em 2021, era de US\$ 1.829. Hoje, passou de US\$ 4.800, com forte aceleração nos últimos dois anos. Valorização de 170% em cinco anos. Ótimo negócio. Em termos práticos, quem comprou ouro em 2020 praticamente dobrou o capital em dólares.

A estimativa da Agência Nacional de Mineração (ANM) é de que saem do país, sem pagar imposto, 15 a 20 toneladas de ouro por ano, com valor aproximado de R\$ 5,5 bilhões/ano. Grande parte não aparece como contrabando clássico, mas é esquentado com documentos falsos. É mercado bilionário, comparável a outros grandes crimes econômicos no Brasil. Os compradores do ouro brasileiro no exterior são, em geral, atores formais do mercado global, não contrabandistas diretos.

Na Suíça, funciona o maior centro mundial de refino de ouro. O metal é vendido para bancos, joalherias e investidores. Em Londres, opera o centro financeiro global do ouro, Dubai tornou-se grande hub para ouro de origem africana e sul-americana. Índia, grande consumidor de ouro em joias. China compra ouro para investimento e para indústria. O chinês médio costuma fazer reserva financeira em ouro para se sustentar na idade prolecta. Antes era o dólar, agora é o ouro. Além desses, há compradores no Canadá e nos Estados Unidos.

Tudo começa com o garimpo ilegal, na Amazônia, em terras indígenas, e o posterior esquentamento com documentos falsos. Não existe um comprador criminoso único. O sistema envolve empresas brasileiras, refinarias internacionais e multinacionais. O garimpo, especialmente o ilegal no Brasil, raramente é autônomo. Em muitos casos, há financiadores por trás, que bancam a operação e ficam com a maior parte do lucro. Esses financiadores aparecem em diferentes níveis da cadeia: há empresários e redes logísticas, donos de pistas de pouso clandestinas, aviões, balsas e rotas de transporte. Funcionam como infraestrutura do garimpo. Facções e redes ilegais atuam em várias áreas: controle territorial, segurança armada e lavagem de dinheiro.

O garimpo ilegal no Brasil é financiado por rede econômica estruturada, que inclui investidores locais, empresas de compra de ouro, logística ilegal, crime organizado e demanda internacional. Ou seja: não é uma atividade isolada de trabalhadores pobres. É negócio organizado e altamente lucrativo. O garimpeiro recebe entre R\$ 1.500 e R\$ 4.000 por mês. A situação típica é trabalho pesado, renda instável e o risco de procurar durante semanas e não achar nada.

A consequência desse comércio é que a densa floresta na Amazônia esconde 2.837 pistas de pouso irregulares — ou seja, não têm cadastro junto à Agência Nacional de Aviação Civil (Anac). Quase 814 delas estão dentro de terras indígenas ou unidades de conservação. São números do Ministério da Defesa. A rede de infraestrutura para pesquisa, lavra e venda do ouro está em crescimento, porque opera junto com o narcotráfico. Trump e Xi Jinping conversam em Pequim, mas as consequências são percebidas no interior da Amazônia.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

## Vaidade, poder e ambição

Parece que a relação entre o poder político, a fragilidade institucional e práticas de corrupção constitui objeto permanente de estudo da ciência política, da economia institucional e da sociologia contemporânea. O tema atravessa diferentes sistemas políticos, regimes econômicos e períodos históricos, figurando como uma das principais variáveis associadas à perda de eficiência estatal, à redução da credibilidade pública e ao comprometimento da capacidade administrativa dos Estados. O debate não se restringe à esfera moral ou jurídica. Organismos multilaterais, centros de pesquisa econômica e instituições acadêmicas tratam a corrupção como fator mensurável de impacto econômico e institucional.

John Emerich Edward Dalberg-Acton, historiador britânico formulou, em correspondência de 1887, uma das observações mais frequentemente mobilizadas em estudos sobre concentração de poder: "O poder tende a corromper, e o poder absoluto corrompe absolutamente". A formulação tornou-se referência em análises sobre mecanismos de controle institucional.

Na tradição filosófica moderna, Thomas Hobbes descreveu a necessidade de estruturas reguladoras como forma de conter a tendência humana à disputa por recursos e poder. Em *Leviatã*, publicado em 1651, Hobbes apresentou a organização estatal como resposta àquilo que chamou de conflito permanente entre interesses concorrentes.

A literatura contemporânea da psicologia moral acrescenta novos elementos a esse debate. O psicólogo social Albert Bandura descreveu o fenômeno do "desengajamento moral", mecanismo pelo qual indivíduos passam a justificar gradualmente condutas incompatíveis com normas éticas inicialmente aceitas. Estudos nessa linha indicam que desvios institucionais frequentemente resultam de processos graduais de racionalização, e não de rupturas abruptas.

Registros históricos mostram a recorrência desse fenômeno. Na Roma republicana, a concentração progressiva de poder e a fragilidade dos mecanismos de contenção institucional estiveram associadas ao enfraquecimento das estruturas republicanas. Historiadores como Mary Beard apontam que práticas como compra de apoio político, patronagem e alianças informais contribuíram para o rearranjo institucional que culminou na transição para o Império.

No século 20, o caso alemão tornou-se objeto central de análise sobre captura institucional. Hannah Arendt observou que processos de deterioração institucional frequentemente se desenvolvem dentro das próprias estruturas legais, mediante sucessiva neutralização de freios normativos. A análise permeia referência para estudos sobre erosão institucional.

Na América Latina, investigações recentes ampliaram o alcance empírico dessas observações. O caso da Odebrecht revelou operações financeiras ilícitas em ao menos 12 países, segundo dados apresentados por autoridades judiciais brasileiras, norte-americanas e suíças. O acordo firmado com o Departamento de Justiça dos Estados Unidos apontou pagamentos superiores a US\$ 788 milhões em propinas distribuídas internacionalmente.

No Brasil, a Operação Lava-Jato produziu uma das maiores investigações de corrupção da história recente do país. Dados oficiais indicam centenas de condenações, dezenas de acordos de colaboração premiada e recuperação bilionária de ativos. As decisões judiciais relacionadas ao caso produziram debates técnicos sobre garantias processuais, competência jurisdicional e alcance institucional das investigações.

Independentemente das interpretações jurídicas posteriores, os processos revelaram mecanismos complexos de intermediação financeira, contratos direcionados e estruturas organizadas de repasse ilícito. O impacto econômico da corrupção também tem sido objeto de mensuração.

O Banco Mundial estima que a corrupção consome globalmente cerca de US\$ 2,6 trilhões por ano, o equivalente a aproximadamente 5% do Produto Interno Bruto mundial. No Brasil, estimativas produzidas por centros de pesquisa nacionais apontam perdas anuais situadas entre 1% e 4% do PIB. Considerando a dimensão atual da economia brasileira, esse intervalo corresponde a valores superiores a R\$ 100 bilhões anuais. Esses números aparecem associados a impactos indiretos igualmente relevantes.

Já a organização Transparência Internacional tem destacado que ambientes institucionais com maior percepção de corrupção tendem a apresentar menor taxa de investimento, rebaixamento do crédito regulatório e maior custo de financiamento.

No Índice de Percepção da Corrupção, o Brasil tem oscilado em posições intermediárias e inferiores entre os países avaliados. O economista Daron Acemoglu, em estudos sobre desenvolvimento institucional, argumenta que "instituições inclusivas são fundamentais para prosperidade de longo prazo". A formulação integra pesquisas que relacionam crescimento sustentável à qualidade institucional e à previsibilidade jurídica.

### A frase que foi pronunciada

‘É impossível não sentir vergonha pelo que aconteceu no Brasil’

Ministro Luís Roberto Barroso, sobre a corrupção

### História de Brasília

As notícias para Brasília são as melhores possíveis. O ministro da Fazenda não fez, no dia anunciado, o esquema de verbas para Brasília porque não veio ao DF na quarta-feira, como estava anunciado. (Publicada em 20/5/1962)

Maurenilson Freire/CB/D.A Press



## O que me faz feliz também me faz bem?

» CARLOS ALBERTO SILVA JUNIOR  
Advogado, mestre em políticas públicas em saúde, integra a direção-executiva da Unegro Brasil



Disseram muitas vezes ao povo negro que sobreviver já era sorte. Que sorrir, apesar de tudo, já bastava. Que qualquer fresta de alívio podia ser chamada de felicidade. E, talvez, esteja aí uma das armadilhas mais profundas da vida: confundir o que anestesia com o que cura, confundir o que agrada com o que sustenta, confundir o brilho passageiro do açúcar com o alimento verdadeiro da alma.

Há coisas que nos fazem felizes num primeiro instante. E como fazem. Acariciam carências antigas, preenchem silêncios, distraem dores, dão a impressão de que, enfim, algo em nós encontrou descanso. Mas nem tudo que adoça a boca fortalece o corpo. Nem tudo que acalma o coração por uma noite consegue protegê-lo pela manhã. E crescer também é receber esse golpe seco no peito: descobrir que aquilo que nos fazia sorrir, às vezes, também nos feria. Descobrir que há felicidades que não passam de sedução da falta.

Para pessoas negras, isso ganha uma camada ainda mais funda. Porque a nossa história foi atravessada pela negação sistemática do cuidado, do tempo, do descanso, da dignidade, do amor inteiro. Fizeram-nos acreditar, muitas vezes, que bastava sermos aceitos em migalhas.

Que bastava sermos lembrados de vez em quando. Que bastava caber, ainda que apertados, em lugares que nunca foram pensados para nos acolher. E assim, não raro, aprendemos a chamar de felicidade o que era apenas trégua. Aprendemos a agradecer o pouco como se fosse plenitude. Aprendemos a celebrar o que nos alivia, mesmo quando aquilo também nos adoce.

Mas felicidade de verdade não pode ser aquilo que cobra da nossa saúde emocional um preço alto demais. Não pode ser aquilo que exige o silenciamento da nossa dignidade. Não pode ser aquilo que nos deixa eufóricos por fora e desmontados por dentro. A felicidade real não humilha, não diminui, não pede que a gente se traia para permanecer. A felicidade real não é a que apenas excita; é a que também sustenta. Não é a que só faz sorrir na superfície; é a que permite respirar em profundidade.

Talvez por isso, seja tão difícil amadurecer o conceito de felicidade. Porque, às vezes, o que mais nos agrada nasce justamente daquilo que ainda não curamos. Há felicidades que se alimentam das nossas ausências, dos nossos abandonos, da nossa fome de sermos vistos, escolhidos, amados. E é duro admitir isso. É duro olhar para a própria vida e perguntar: o que, em mim, é doçura verdadeira e o que é só açúcar em excesso? O que me nutre, e o que apenas me vicia em pequenas compensações? O que me fortalece, e o que me enfraquece com a voz mansa de quem parece me amar?

Cuidar de si, para uma pessoa negra, também é um gesto político. É romper com a lógica cruel que sempre nos quis funcionando, mas não inteiros; vivos, mas não plenos; produtivos, mas não felizes de verdade. É

entender que autocuidado não é luxo, e que alegria não pode ser confundida com fuga. É aprender a desconfiar do que nos oferece prazer, mas rouba nossa paz. É ter coragem de recusar o "doce" que encanta por um instante, mas adoce a existência aos poucos.

A verdadeira felicidade talvez seja menos barulhenta do que imaginamos. Talvez ela não chegue sempre em forma de explosão, mas de assentamento. Talvez ela tenha mais a ver com paz do que com êxtase. Mais a ver com inteireza do que com intensidade. Mais a ver com poder de permanecer sendo quem se é, sem se quebrar para caber, sem se violentar para agradar, sem se oferecer em sacrifício para receber migalhas de afeto, reconhecimento ou pertencimento.

Ser feliz de verdade, para nós, é também poder descansar sem culpa. É ser amado sem precisar merecer o básico. É ser visto sem ser exotizado. É ocupar espaços sem agradecer pelo direito de estar ali. É rir sem que o riso esconda exaustão. É sentir prazer sem que ele venha de mãos dadas com autossabotagem. É descobrir, com a dignidade de quem reencontra a própria ancestralidade, que nem tudo que nos chama é destino, e nem tudo que nos alegra é lar.

No fim, a pergunta mais honesta talvez seja essa: aquilo que me faz feliz também me faz bem? Aquilo que me alimenta hoje preserva minha alma amanhã? Porque felicidade real não é apenas sentir-se vivo no instante; é conseguir continuar inteiro depois dele. E talvez o amor mais profundo que possamos aprender seja justamente esse: deixar de dar a nós mesmos o doce que adoce, para enfim oferecer o cuidado que cura.